



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação infantil: comprometimento com a formação global da criança

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação infantil [recurso eletrônico] : comprometimento com a formação global da criança / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5706-435-1
DOI 10.22533/at.ed.351200110

1. Educação infantil. 2. Professores de educação infantil – Formação. 3. Crianças - Desenvolvimento. I.Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, portanto um período fundamental para a formação global das crianças, é nesse período que são transmitidos valores, regras, atitudes, comportamentos e aprendizados essenciais que serão a base da evolução de cada indivíduo e serão utilizados por toda a vida.

O contexto da Educação Infantil enquanto sistema organizado de ensino, tem suas bases históricas fundamentadas em diferentes abordagens ou funções sociais, essa obra vem trazer estudos que apresentam: - A evolução da concepção de infância no Brasil e seu reflexo nas políticas públicas educacionais, - A trajetória escolar e identidade do docente da educação infantil, seus caminhos e descaminhos e um rico estudo sobre - A percepção da adolescência feminina frente as questões de gênero relacionadas ao comportamento e a violência.

Será contextualizada também a história da leitura no Brasil, através de uma reflexão sobre a literatura para crianças na educação infantil, e como essa literatura pode ser uma ferramenta valiosa para as crianças que estão em tratamento no ambiente hospitalar.

Ao se falar de crianças, não se poderia deixar de comentar sobre as dificuldades alimentares, portanto também será apresentado um capítulo que vem refletir sobre as práticas alimentares dos bebês na creche e um capítulo que traz uma discussão de como a escola e o professor estão enfrentando a problemática da obesidade infantil.

No percorrer dessa obra o leitor terá oportunidade de desfrutar sobre os temas: - Meandros da educação física na educação infantil, voltando-se para a utilização do lúdico como pilar do aprendizado; - Danças, arte e corporalidade na educação infantil; - Educação visual e infância: um estudo dos desenhos; - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no contexto escolar e - Assédio moral: realidade e desafios no trabalho docente na educação infantil.

Diante de tamanha relevância do tema, a Atena Editora presenteia os leitores com essa obra, que intenciona a divulgação de reflexões, estudos, discussões e pesquisas referentes ao tema da educação infantil.

Isabelle Cerqueira Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EVOLUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NO BRASIL E SEU REFLEXO NAS
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001101

CAPÍTULO 2..... 9

INFÂNCIA, TRAJETÓRIA ESCOLAR E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ESTUDO DE
NATUREZA NARRATIVA

Dirlene Graciano

Noemi Boer

DOI 10.22533/at.ed.3512001102

CAPÍTULO 3..... 22

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OS PESQUISADORES EM
SEUS CAMINHOS E DESCAMINHOS

Cláudia Vianna de Melo

Erica Cristian Reis dos Santos

Flávia Maria de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.3512001103

CAPÍTULO 4..... 28

A LEITURA NO BRASIL - UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA PARA CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Eliane Ferreira Rocha Alencar

Kellen Solange Fruhauf Stinghen

Luciene Toffoli de Oliveira

Rosangela Ludwig Capatto

DOI 10.22533/at.ed.3512001104

CAPÍTULO 5..... 40

UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS
HOSPITALIZADAS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001105

CAPÍTULO 6..... 49

AS PRÁTICAS ALIMENTARES DOS BEBÊS NA CRECHE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Deise Bruna Massena Leite

DOI 10.22533/at.ed.3512001106

CAPÍTULO 7..... 58

A ESCOLA E O PROFESSOR: COMO TRATAR O TEMA DA OBESIDADE INFANTIL?

Priscila de Lima Gomes

Willian Rayner Lima

Léia Adriana da Silva Santiago
DOI 10.22533/at.ed.3512001107

CAPÍTULO 8..... 72

OS MEANDROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO COMO PILAR DO APRENDIZADO

Erika Castro dos Santos
André de Farias Leite
Edma Ribeiro Luz
Morgana Luísla de Sousa Rios da Costa
Raimundo Silva dos Santos
Mayara Mirelly Soares da Costa
Francisco Carlos da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.3512001108

CAPÍTULO 9..... 86

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Lucila Macedo de Possidio
Jucicleide Maria dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3512001109

CAPÍTULO 10..... 96

QUE DANÇAS CRIAM AS CRIANÇAS?: ARTE E CORPORALIDADE NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS

Andréa Fraga da Silva
Patrícia Dias Prado

DOI 10.22533/at.ed.35120011010

CAPÍTULO 11..... 106

EDUCAÇÃO VISUAL E INFÂNCIA: UM ESTUDO DE DESENHOS PRODUZIDOS EM OFICINAS DE “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”

Cristiane Fatima Silveira
Giovana Scareli

DOI 10.22533/at.ed.35120011011

CAPÍTULO 12..... 117

TDHA-TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Sinara Amorim da Silva
Franciele Carvalho da Silva
Júnia Moreira de Freitas
Fernanda Matos de Moura Almeida
Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra

DOI 10.22533/at.ed.35120011012

CAPÍTULO 13.....	131
OUVIR, OLHAR E LER ESTÓRIAS: A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES E LEITORAS	
Andressa Garcias Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.35120011013	
CAPÍTULO 14.....	149
UM ESTUDO DA PERCEÇÃO DA ADOLESCÊNCIA FEMININA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO RELACIONADAS A COMPORTAMENTO E VIOLÊNCIA	
Karla Dayana Araújo da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.35120011014	
CAPÍTULO 15.....	157
IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES PARA A APRENDIZAGEM DO AUTISTA	
Eliane Ferreira Rocha Alencar	
Kellen Solange Fruhauf Stingham	
Luciene Toffoli de Oliveira	
Rosangela Ludwig Capatto	
DOI 10.22533/at.ed.35120011015	
CAPÍTULO 16.....	166
ASSÉDIO MORAL: REALIDADE E DESAFIOS NO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO MARANHÃO	
Nailton Sousa Saraiva	
José Luis dos Santos Sousa	
Flávio Henrique Mendes	
Francisco Claudio Assunção Lima	
Fernando Machado Ferreira	
Leoilma Morais Silva	
DOI 10.22533/at.ed.35120011016	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	180
ÍNDICE REMISSIVO.....	181

CAPÍTULO 10

QUE DANÇAS CRIAM AS CRIANÇAS?: ARTE E CORPORALIDADE NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 06/07/2020

Andréa Fraga da Silva

Prof^a Escola Municipal de Iniciação Artística,
EMIA e doutoranda FEUSP
São Paulo/SP
<http://lattes.cnpq.br/4803240016822181>

Patrícia Dias Prado

Prof^a Dr^a Faculdade de Educação da USP,
FEUSP
São Paulo/SP
<http://lattes.cnpq.br/5522107673715476>

RESUMO: Ao iniciar uma investigação sobre as danças criadas pelas crianças, na Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA), da cidade de São Paulo, através de pesquisa autobiográfica, este capítulo reflete sobre as relações acerca das infâncias e lugares da dança no território da arte contemporânea, na educação e na iniciação artística das crianças, pelo viés da corporalidade e a partir do que elas próprias consideram, ou não, como dança.

PALAVRAS-CHAVE: crianças; dança; arte; educação; corporalidade.

WHAT DANCES DO CHILDREN CREATE?: ART AND CORPOREALITY IN CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT: By starting an investigation on dances created by children, in a public Art School

in São Paulo city (*Escola Municipal de Iniciação Artística - EMIA*), grounded in autobiographical research, this chapter reflects on the relations between childhood and dance in the field of contemporary art, considering the education and artistic initiation of children, from the perspective of corporeality and of what they themselves consider, or not, as dance.

KEYWORDS: children; dance; art; education; corporeality.

O presente capítulo é uma versão revista, ampliada e atualizada do trabalho: “As crianças e suas danças: corporalidade, experiência e arte”, apresentado no II Congresso de Estudos da Infância: politizações e estesias (SILVA, 2019) e fruto das reflexões de pesquisa de doutorado em andamento: “Criança dança? Como? Quando? Onde? Com quem?”, junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Prado e alicerçada pelo Grupo de Pesquisa (CNPq): “Pesquisa e primeira infância: linguagens e culturas infantis” (FEUSP).

Assim como o título e objetivo da referida pesquisa, busca-se aqui questionar: “Que danças criam as crianças”, e nestas aparentes ingenuidades interrogativas, provocar o/a leitor/a - como num “ato falho”, que irrompe sem julgamentos e expõe um desejo de simplicidade - a olhar para as movimentações e expressões infantis por uma lente estética e existencial, ao mesmo tempo, antropológica e fenomenológica,

no sentido de ver as coisas como se apresentam, rompendo com considerações prévias do que deveriam ser, imersas em seus contextos específicos.

Neste caso, através da pesquisa autoetnográfica (HOLMAN JONES, 2013), venho selecionando, descrevendo e problematizando minhas observações e participações, assim como minhas concepções e práticas como artista professora de dança, desde 1997, na Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA), vinculada à Secretaria Municipal de Cultura, da cidade de São Paulo (em <http://supervisaodeformacao.prefeitura.sp.gov.br/index.php/emia/>). Dessa forma, tenho buscado compreender a complexidade do campo de pesquisa, suas conexões com minhas experiências e investigações corporais das crianças em espaços diversos, com materiais variados e nas relações com outras crianças, nomeando seus processos e produções como danças.

A EMIA oferece às crianças de cinco a doze anos a iniciação às artes, integrando as linguagens da música, dança, artes visuais e teatro. É uma escola pública, frequentada no contra turno da escola regular, com acesso por sorteio. Sua singularidade caracteriza-se por não ter um currículo preestabelecido e por trabalhar a iniciação artística a partir de processos artísticos conduzidos por artistas professores/as que, de forma colaborativa, integram linguagens, saberes e fazeres, compartilhando com as crianças a construção dos conhecimentos em arte por meio da experiência.

Ao propor analisar as danças criadas pelas crianças, pensamos nas esferas vividas de suas corporalidades, que podem estar em seu cotidiano, mas que também podem ser concebidas como experiência estética, numa ação proposta junto aos/às adultos/as. Para o desenrolar desta reflexão navegaremos por reflexões acerca das infâncias e por lugares da dança no território da arte contemporânea, na educação e na iniciação artística das crianças, apontando o encontro entre essas esferas pelo viés da corporalidade.

Talvez seja como ver dança na movimentação das nuvens, das árvores, ou dos gatos. Em alguns casos sim, pois nem pensam que estão dançando, embora a plasticidade e expressividade de seus movimentos deixem ver a potência de uma, de muitas danças singulares. Em outros, no entanto, percebem que estão dançando, só não sabem muito bem com o que se parece suas danças de *criança performer*.

A criança performer é seu corpo total, sua corporalidade; ela é móvel, plástica, modelável; polimorfa; seu repertório é rico em teatralidade e musicalidade, nos sentidos contemporâneos dos termos; ela improvisa, ela encarna emoções em seu corpo, ela é capaz de fazer-se partitura enquanto usufrui a paisagem sonora dos lugares em que está, etc. E sua capacidade de uso do espaço tornam presentes a noção de instalação, *happening* e *performance*, tão caras às artes visuais hoje (MACHADO, 2015, p. 59).

A definição de Machado (2010a) diz muito do que é possível observar nas danças das crianças, embora a autora rejeite a denominação de linguagens artísticas: dança, música, teatro e artes visuais, para a experiência em artes com crianças. Em seu lugar,

propõe a corporalidade, a musicalidade, a teatralidade e a espacialidade como âmbitos artístico-existenciais (MACHADO, 2012), potencialmente presentes e latentes na vida das pessoas, diferentemente das linguagens que estariam ligadas a certa especialidade e às técnicas restritas a adultos/as especialistas.

Concordamos com sua visão na medida em que abrange um espectro mais amplo e até mais profundo da experiência estética, de acordo com os modos de ser das crianças. No entanto, continuaremos a chamar de dança o que a artista professora e pesquisadora vem construindo junto às crianças, primeiro porque entendemos que o conceito contemporâneo de dança já abarca uma amplitude maior de experiências dentro desses âmbitos artístico-existenciais e segundo, porque vemos no diálogo com as crianças a necessidade de nomear o que fazem: então, passa a ser dança o que chamamos de dança. Trataremos disso mais à frente.

Ainda assim, é a partir de uma visão de corpo ampliada pelo conceito de corporalidade que pretendemos discutir as danças realizadas pelas crianças. Essa concepção, que vem de estudos dos campos da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia e da Educação, considera o corpo na sua relação fundamental e inseparável com o mundo, como o que constitui as pessoas e, portanto, o lugar da existência. Merleau-Ponty (1994) inaugura, em 1945, com a “Fenomenologia da Percepção”, esse olhar para o corpo:

Portanto o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. Ele é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele (MERLEAU-PONTY, 1994, p.269).

Junto a ele, complementando ou contrapondo, outros pensamentos foram sendo construídos, ultrapassando as dicotomias corpo e mente, natureza e cultura, assumindo o corpo como construção cultural e social (MALUF, 2001). É comum vermos os termos corporeidade e corporalidade serem usados indistintamente, o que acontece com muitos/as autores/as. Contudo:

[...] a corporeidade é a nossa condição existencial fundamental, a nossa corporalidade (*corporeality* ou *bodiliness*) em relação ao mundo e às outras pessoas. Para a pesquisa em ciências humanas, a corporeidade é 'um campo metodológico indeterminado, definido pela experiência perceptual, pelo modo de presença e pelo envolvimento no mundo' (CSORDAS, 1994, p. 12). (CSORDAS, 2013, p. 292).

Portanto, a corporeidade pode ser concebida como campo metodológico e a corporalidade como corpo vivido, tendo esta última como componentes: a forma corporal, a

experiência sensorial, o movimento ou a mobilidade, a orientação, a capacidade, o gênero, o metabolismo/fisiologia, a copresença, o afeto e a temporalidade.

Em seu artigo: “Fenomenologia cultural corporeidade”, Csordas (2013, p. 292) propõe uma antropologia fenomenológica, contrastando a noção de corpo como um objeto material “à corporeidade como carne compartilhada, mutuamente implicada e nunca completamente anônima que ressignifica o corpo como fonte da existência e local da experiência no mundo”.

Nas crianças, a corporalidade faz-se em constante movimento, com a imaginação e nas relações com os espaços, os tempos, e outras corporalidades, construindo suas experiências de/no mundo. Os entendimentos e as ações das crianças estão totalmente atrelados/as às experiências corporais pelos sentidos, gestos e percepções. Portanto, é também nesse território do corpo que se dá a experiência no sentido descrito por Larrosa (2014), em sua qualidade subjetiva, contextual, provisória, sensível e partindo da lógica do acontecimento.

Voltando a Merleau-Ponty, agora com foco na infância, temos a corporalidade como noção central, algo vivenciado e que é construído nas crianças, no início como um “rabisco de si” e depois vai se tornando contorno. Assim, as crianças são vistas em contexto, misturadas aos outros, ao mundo, à cultura, ao mesmo tempo em que a não representacionalidade, a qualidade onírica da vida cotidiana, junto ao pensamento polimorfo, são apontados como características de seus modos de ser (MACHADO, 2010b). Desta forma, essas noções podem ser tomadas como lentes para enxergarmos nas corporalidades infantis uma, muitas danças singulares vinculadas diretamente às experiências de corpos vividos e imersos no mundo.

Nas relações com seus pares, as crianças desenham outros espaços, instauram outras temporalidades e criam outros significados para suas ações, num entendimento mútuo de uma cultura própria, em que nós adultos/as temos uma participação mínima, dependendo do contexto. No campo da Educação Infantil e dos estudos sociais da infância, em interface com as Artes na infância, podemos falar nas culturas infantis ao assumir a capacidade das crianças em criar seus próprios modos de ação e significação do mundo de formas diferentes de como fazem os/as adultos/as, estabelecendo uma relação particular com as linguagens, na medida em que compreendem seus códigos e os utilizam criativamente (PRADO; SOUZA, 2017).

As culturas infantis, permeadas pelas culturas adultas, mas com características relativas ao modo de ser das crianças, podem trazer a alteração de uma lógica formal, a não linearidade do tempo, a fantasia do real, a forte interatividade e ludicidade. Sendo assim, torna-se fundamental enxergar as crianças da perspectiva da alteridade e não da incompletude, da diferença e não do déficit (SARMENTO, 2003). Como diz Larrosa, “A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença” (1999,

p.185).

Portanto, tendo em mente tais concepções de corpo e de infância em suas múltiplas configurações, buscamos investigar, conhecer, dar visibilidade e aprender com as crianças sobre as danças construídas nas culturas infantis.

De início, é preciso despir a dança de códigos e estilos e entendê-la como linguagem, ou seja, um sistema de signos que produz significados ou campos de significação, como: intérprete, movimento e espaço cênico (MARQUES, 2010). O intérprete é o corpo que dança, que nem sempre interpreta algo fora de si mesmo, mas cria seu próprio movimento. O espaço cênico é aquele ocupado, desenhado e significado pelo próprio corpo em movimento. E é a intenção desse movimento que o torna dança.

Seguindo o pensamento de Helena Katz (2011), que define na dança o corpo como mídia de si mesmo:

A única característica que une todas as diferentes danças é que seu movimento não tem finalidade outra que não seja a de produzir outro movimento para o corpo dançar. O movimento de dança não serve pra nada só pra dançar (KATZ, 2011, s/p).

Já o filósofo José Gil (2004), questiona a atribuição de linguagem à dança quando diz que:

A dança constrói o plano de movimento onde 'o espírito e o corpo são um só' (Cunningham) porque o movimento do sentido desposa o próprio sentido do movimento: dançar é, não 'significar', 'simbolizar' ou 'indicar' significações ou coisas, mas traçar o movimento graças ao qual todos esses sentidos nascem. No movimento dançado o sentido torna-se ação (GIL, 2004, p.78).

A dança, apesar de ser a última a conquistar sua autonomia entre as artes (ALMEIDA, 2006), acompanha os movimentos artísticos contemporâneos que, desde a modernidade, buscam a aproximação com a vida, ainda que por caminhos e propósitos diferentes. Se no projeto moderno existia a utopia de se modificar a sociedade, ou construir um mundo novo por meio da arte, na contemporaneidade, o que se busca é habitar esse mundo de formas diferentes, construindo novas relações em comunidade e com o entorno (FABRINI, 2015/2016).

Faz parte da arte contemporânea a porosidade e contaminação entre códigos, contextos e linguagens, assim como o embaralhamento entre arte e vida, radicalizada na estética relacional proposta por Nicolas Bourriaud (2009), na qual a importância da forma artística dá lugar ao que ela promove de diferentes relações no mundo.

Desse modo, também a dança contemporânea acolhe movimentos menos codificados. Os estilos e códigos misturam-se nas proposições estéticas, os espaços cênicos deslocam-se do palco, tornando a rua não só lugar de pesquisa, mas de criação e apresentação, como na pesquisa do corpo em espaços não convencionais dos *Site Specific* que:

"[...] remonta às experiências de intervenção em espaços naturais ou urbanos, nos anos 60 e 70. Obras que configuram uma situação espacial específica, levando em conta as características do local, e que não podem ser apreendidas senão ali (Juliana Monachesi, <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u36575.shtml>, acesso em 02/07/2020).

Muitas vezes, busca-se ainda a relação direta com a experiência vivida afastando-se da representação, como na *Performance*. Ou seja, o conceito de dança ampliou-se como linguagem artística na contemporaneidade, desconstruindo-se e se hibridizando a outras linguagens, campos do saber e esferas da vida.

A partir deste contexto histórico, portanto, concebemos na corporalidade das crianças uma, muitas danças em devir. Na EMIA, embora existam os papéis de professores/as e aprendizes, as relações se dão de forma mais permeável, em que essas funções diluem-se em momentos de criação conjunta. Guardadas as diferenças entre os variados modos de atuar dos/as artistas professores/as, pode-se dizer que as crianças não são agentes a todo momento, mas em grande parte dele. Sua participação em diferentes graus é uma característica do trabalho desenvolvido ali (CUNHA, 2017).

No caso mais específico dos processos de dança conduzidos por mim, mesmo que tenha um planejamento é o encontro com as crianças que define o caminho a seguir, muitas vezes, diferente do planejado. Criamos várias danças nesses encontros a partir de investigações de movimento, ora de propostas trazidas por mim, ora surgidas do interesse e de brincadeiras trazidas por elas ou do que encontramos pelo caminho.

A pesquisa de campo atual iniciou-se a partir da observação participante (INGOLD, 2016) de uma turma de meninas e meninos, de sete a dez anos de idade, durante o ano de 2019, com registro em diário de campo e através de fotografias e filmagens (mediante autorização prévia). Expandindo o escopo de investigação para a análise de materiais de registro acumulados em mais de 20 anos de atuação como artista professora nessa escola, vou tecendo relações com os processos anteriores, em que pude testemunhar a riqueza e a potência existente nas danças produzidas pelas próprias crianças.

Contudo, acredito que essas danças possam ser vistas, ou não, por outros/as adultos/as, dependendo de sua concepção de arte, de dança, de infância e de educação. Além disso, procuro problematizar e colocar em questão meu próprio olhar, num exercício de estranhamento do que me é familiar, base da etnografia (GEERTZ, 1989).

Afinal, o que enxergo pode estar condicionado a uma familiaridade com o campo da dança contemporânea, com o qual identifico a maneira lúdica e investigativa como as crianças vivem sua corporalidade em movimento, na relação com os mais diversos espaços, objetos, sonoridades, imagens, situações ou narrativas, em sua performatividade e na autoria de suas composições. Isso tudo, sem dúvida, só acontece porque existe um contexto favorável, em que essas experiências são permitidas, valorizadas e fomentadas, num diálogo entre as culturas das crianças e as da adulta artista professora e pesquisadora.

Se desloco meu olhar para as danças das crianças do aspecto meramente pedagógico para um olhar artístico, vejo nelas qualidades estéticas e poéticas, por vezes, até complexas e elaboradas, como por exemplo, o que constroem com seus corpos em termos de diversidade de desenhos, de apoios, de deslocamentos, de dinâmicas de movimento, além de proposições cênicas originais. Logo, não considero a arte/dança das crianças como um lugar do simples em contraposição à arte complexa desenvolvida pelos/as adultos/as profissionais.

Sem dúvida é outro tipo de complexidade, se uma acontece no sentido da elaboração técnica e intelectual, a outra se dá na expressividade intensa, na imaginação sofisticada e nas relações surpreendentemente inusitadas com os espaços e materiais, que podem fazer inveja a muitos/as artistas. As características dessas danças estão ligadas ao modo de ser das crianças, que não obedece a uma lógica formal ou à linearidade do tempo, que embaralha realidade e fantasia, pleno de interatividade e ludicidade.

Nesse sentido, pauto minha ação como adulta em relação às danças das crianças, na medida em que as aceito ou não, valorizo-as ou não, corrijo-as ou não, aprecio-as ou não. É possível, então, enxergar essas danças se não tivermos a expectativa de uma dança produzida pela lógica adulta, aceitando as diversas corporalidades sem as querer “concertar”.

Ao se pensar a questão técnica, a que se considerar que existem diferentes técnicas de dança, entre as que tendem a formatar corpos dentro de um padrão ou código específico (como o ballet clássico), e as que visam construir uma organização coordenada do corpo, como suporte para ampliar as possibilidades de criação por meio da investigação de movimento, como propõem algumas abordagens de educação somática e improvisação (VILAS BOAS, 2012; MILLER, 2010; VIANNA, 1990).

Ainda assim, deve-se estar atento/a aos tempos e medidas, isto é, quando e como intervir nesse sentido. Essa forma de agir possibilita a criação de diferenças, na medida em que dá espaço para que cada criança, a partir de sua própria corporalidade, desenvolva um caminho de expressão singular, ao mesmo tempo, em que encontra o comum na relação com seus pares.

Os contextos e as relações entre adultos/as e crianças são definidores de como se entendem e se engendram as danças das crianças, ou seja, é no modo como se dá essa relação num mundo compartilhado, que se possibilita que essas danças sejam vistas, valorizadas ou, até mesmo, que elas aconteçam. A responsabilidade dos/as adultos/as está na sutileza com que se fazem presentes e na permeabilidade entre o que trazem de novo e interessante para as crianças e o que elas trazem de propositivo, até mesmo, em suas atitudes.

Assim, é possível acolher as “criancices” das crianças como propostas criativas em composições estéticas. Na dança, suas sapequices com o corpo e usos inusitados dos espaços, dependendo do contexto, tornam-se incríveis investigações, que acompanhadas

do olhar dos/as adultos/as artistas podem se constituir como arte.

Em nossa cultura adultocêntrica, quando se fala em arte de criança ou que criança fez arte, fala-se sempre em tom pejorativo, no sentido de que fez coisa errada, extrapolou algum limite, subverteu alguma regra, ou até, ousou experimentar algo novo fora do esperado. Então, se diz “Ô criança arteira!”. Já para os/as adultos/as artistas esta pode ser a base para a investigação e para os processos criativos, em que a subversão e a ousadia são bem-vindas...

Os processos e motivações são de ordens diferentes nos dois casos, porém, chamamos a atenção para a aproximação que existe entre essa arte arteira e a arte artística, lembrando que estamos falando em termos da arte/dança contemporânea, ao mesmo tempo que ressaltamos a alteridade entre essas artes/danças, considerando seus mundos de vida e modos de ser.

Existe o pensamento de que as crianças não fazem arte, pois vivem as experiências de criação como parte integrante da vida, sem o distanciamento necessário para que pudéssemos falar de uma experiência estética. No entanto, numa perspectiva contemporânea da arte, como na *performance*, os/as artistas vivem a arte no corpo, avessos a representações, de maneira semelhante ao modo de viver das crianças (MACHADO, 2010a).

Por que consideramos importante dizer que as crianças fazem arte? Para que se valorize e potencialize o que elas já são e, a partir daí, se abram outros caminhos, não necessariamente os já traçados e percorridos pelos/as adultos/as.

Quem sabe possamos encontrar um novo início para outra ontologia e outra política da infância naquela que já não busca normatizar o tipo ideal ao qual uma criança deva se conformar, ou o tipo de sociedade que uma criança tem que construir, mas que busca promover, desencadear, estimular nas crianças e em nós mesmos essas intensidades criadoras, disruptoras, revolucionárias, que só podem surgir da abertura do espaço, no encontro entre o novo e o velho, entre uma criança e um adulto (KOHAN, 2007, p 97-8).

Voltando ao título deste capítulo: “Que danças criam as crianças?” buscou-se aqui abordar as questões relativas à infância, à dança e à corporalidade para nelas mergulhar mais fundo e levantar novas questões. Ainda na tentativa de ir ao encontro de como as próprias crianças possam responder nossas perguntas, interrogamos se elas se sentem dançando quando imaginamos que estão dançando.

Por fim, reafirmando a necessidade de observação e escuta sensível das crianças e de suas expressões, como artista, professora, pesquisadora e também mãe de crianças, lembro-me de, certa vez, após a apresentação de dança da amiga Priscilla Vilas Boas - “Entre a queda e o voo, a possibilidade do risco” (2010) -, meu filho, na época com cinco anos, ocupou o espaço cênico brincando com os objetos e com a projeção, enquanto conversávamos. Mais tarde, perguntei se estava dançando ou só brincando e ele me

respondeu com convicção: “Às vezes eu brincava, às vezes eu dançava”. Meu olhar, no entanto, não tinha conseguido distinguir esses momentos, poderia ter sido só uma coisa ou outra. Portanto, só mesmo as próprias crianças podem nos responder se dançam, como, quando, com quem e que danças criam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos V. **A selvagem dança do corpo**. Tese de doutorado. FEF-UNICAMP, Campinas, 2006.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CSORDAS, Thomas J. Fenomenologia cultural corporeidade: agência, diferença sexual, e doença. **Educação**. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 292-305, set./dez. 2013.

_____. **Embodiment and experience**: the existential ground of culture and self. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CUNHA, Sandra Mara da. Quebra-Cabeça sonoro: um jogo chamado criação musical. **Orfeu**. CEART, UDESC, Florianópolis, v. 2, n. 2, dez. 2017 p. 45-68.

FABRINI, Ricardo N. Estética e transgressão: da arte radical à arte radicante. **Artelogie**, n.8, 2015/2016. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article392>. Acesso em 04/07/2020.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, José. **Movimento Total**: o corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016.

HOLMAN JONES, Stacy. et al. **Handbook of Autoethnography**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2013.

KATZ, Helena. Sobre a improvisação. **II Fórum - “forinho”**: o brincar, a improvisação e a dança. Cia Balangandança e Itaú Cultural, 2011. Disponível em: <https://dancaemjogo.wordpress.com/forum/>. Acesso em 18/06/2020.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge B. **Pedagogia Profana**: danças, piroetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MACHADO, Marina M. A criança é *performer*. **Educação e Realidade**. FAFCD/UFRGS, Porto Alegre, v. 35, n. 2, mai./ago. 2010a. p. 115-137.

_____. **Merleau-Ponty & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

_____. Fazer surgir antiestructuras: abordagem em espiral para pensar um currículo em artes. **Revista e-curriculum**. São Paulo, v. 8, n.1, abril 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/9048> Acesso em: 20/06/2020.

MALUF, Sônia W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Revista Esboços**. Dossiê Corpo e Cultura. Santa Catarina, v. 9, n. 9, 2001.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança**: Arte e Ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILLER, Jussara C. **Qual é o corpo que dança?** Dança e Educação Somática para a construção de um corpo cênico. Tese de doutorado, IA-UNICAMP, Campinas, 2010.

PRADO, Patrícia D.; SOUZA, Cibele W. de. (Orgs.). **Educação Infantil, diversidade e arte**. São Paulo: Laços, 2017.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e Culturas da Infância**. CEDIC, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf . Acesso em 06/07/2020.

SILVA, Andrea F. da. As crianças e suas danças: corporalidade, experiência e arte. **Anais do II Congresso de Estudos da Infância**, Rio de Janeiro, set. 2019, p. 523-529.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

VILAS BOAS, Priscilla. **A improvisação em dança**: um diálogo entre a criança e o artista professor. Dissertação de Mestrado, IA-UNICAMP, Campinas, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alimentação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 68, 69, 70, 71

Aprendizagem 11, 12, 6, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 31, 33, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 54, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 117, 121, 122, 125, 126, 128, 130, 132, 157, 163, 164, 165, 176, 177

Arte 9, 11, 4, 39, 43, 60, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 115, 116, 132, 135, 138, 146

Assédio Moral 9, 12, 166, 167, 168, 169, 171, 174, 175, 176, 178, 179

Atividade lúdica 92, 93

B

Bebês 9, 10, 2, 24, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

C

Caminhos 9, 10, 11, 21, 22, 24, 26, 33, 70, 100, 103, 108, 133, 145

Contexto escolar 9, 11, 84, 117, 129

Corporalidade 9, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105

Creche 9, 10, 4, 22, 23, 24, 25, 26, 49, 50, 51, 54, 56, 131, 133, 141, 142, 143

Crianças Hospitalizadas 10, 40, 42, 43, 44, 45

Cuidado 10, 16, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 65, 76, 87, 88, 93, 138, 146

D

Danças 9, 11, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Descaminhos 9, 10, 22, 24, 26

Desenhos 9, 11, 15, 29, 62, 102, 106, 109, 110, 114, 115, 140, 141

Desenvolvimento 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 29, 30, 32, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 49, 51, 53, 58, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 119, 121, 122, 126, 128, 141, 143, 144, 149, 151, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180

Docência 11, 13, 18, 19, 20, 21, 34, 36, 131, 133, 168

E

Educação Física 9, 11, 17, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 151

Educação Infantil 2, 9, 10, 11, 12, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 18, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 99, 105, 116, 117, 120, 131, 132, 133, 140,

141, 144, 145, 146, 147, 157, 166, 168, 169, 171

Educação visual 9, 11, 106

Escola 9, 10, 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43, 45, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 101, 106, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 137, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 162, 169, 170, 175, 179

Escolha profissional 9, 11

I

Infância 9, 10, 11, 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 27, 49, 52, 54, 56, 60, 62, 64, 71, 74, 76, 80, 86, 87, 88, 91, 96, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 118, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 146, 151, 152, 154, 156

L

Legislação 1, 3, 4, 5, 6

Leitura 9, 10, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 48, 107, 108, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 168, 169

Literatura 9, 12, 1, 6, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 72, 74, 75, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 158, 159, 169, 171, 176

Literatura infantil 10, 31, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 138, 139, 140

Lúdico 9, 11, 9, 12, 17, 45, 69, 72, 78, 79, 81, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 132

O

Obesidade infantil 9, 10, 58, 64, 65, 66, 70, 71

P

Pedagogia Hospitalar 40, 41, 42, 48

Políticas Públicas Educacionais 9, 10, 1, 3

Prática educativa 9, 18, 20, 30, 33, 134

Práticas alimentares 9, 10, 49, 50, 51, 55

Preconceito 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71

Professor 9, 10, 15, 16, 17, 19, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 42, 43, 44, 53, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 93, 105, 108, 117, 120, 121, 122, 124, 128, 147, 148, 157, 163, 175, 179

T

Trabalho Docente 12, 166

V

Vivências da infância 9

Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação Infantil:

Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 